

GÊNERO E PRISÃO FEMININA: NARRATIVAS DAS MULHERES PRIVADAS DE LIBERDADE EM RONDÔNIA

Gender and female prison: narratives of women deprived of liberty in Rondônia

Género y prisión de mujeres: narrativas de mujeres privadas de libertad en Rondônia

Maria Madalena Lemes Mendes¹

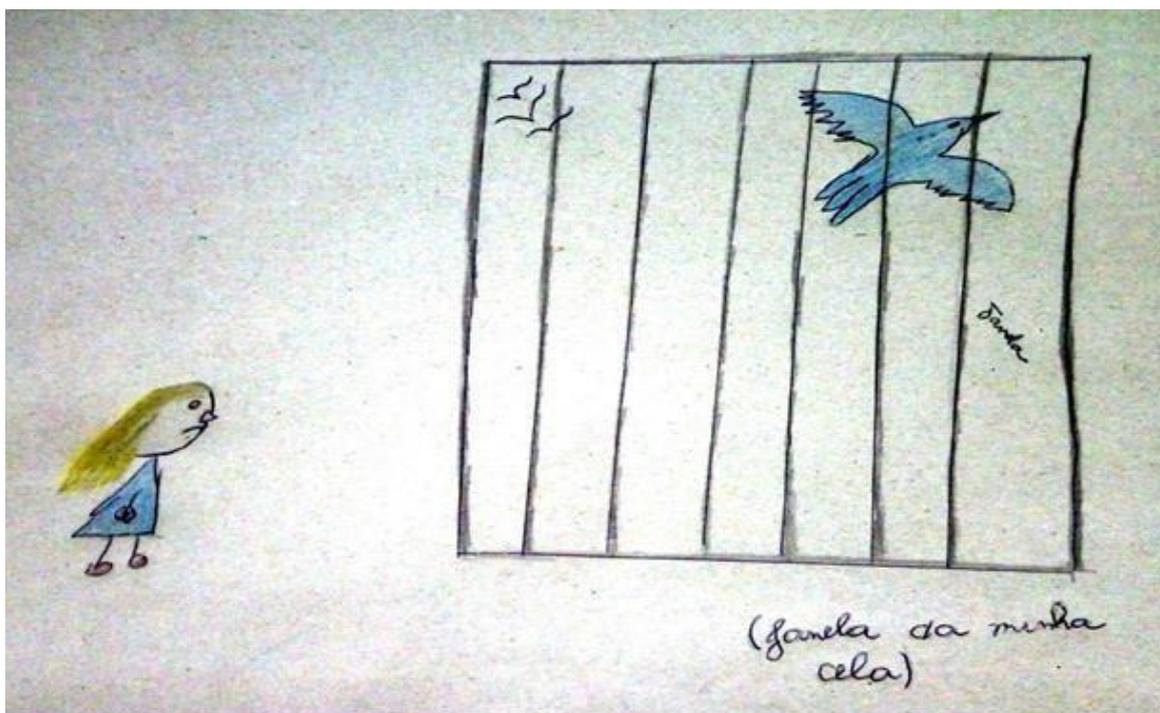


Figura 01 – Mapa Mental 01 “Penitenciária/Ala Feminina” Beatriz, 34 anos (CAPA)

RESUMO

Este artigo é um recorte dos resultados da dissertação de mestrado realizado no período de 2018/-2020 pelo Programa de Pós Graduação em Geografia (PPGG) da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. O objetivo é apresentar as narrativas na íntegra das reeducandas (nome como são chamadas as mulheres que cumpre pena) que participaram da pesquisa já mencionada. Considerando que as mulheres vivem num processo de dominação por parte dos homens, essa realidade está sendo desconstruída através das tentativas de visibilizar o gênero feminino nos diversos contextos sociais e na pesquisa científica. Como método utilizou-se o fenomenológico a partir de Husserl (1986) e a metodologia que melhor se aplicou ao método foi a abordagem qualitativa. Como instrumentos para evidenciar as narrativas neste artigo, apresentamos a observação participante e as entrevistas com base na história oral. Os relatos apresentados neste artigo estão na íntegra conforme a pesquisa realizada no biênio de 2018 a 2020. A proposta de apresentar as falas das mulheres privadas de liberdade é ressaltar a realidade contada pelas reeducandas que vivem e como

¹ Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. E-mail: mariamadlena_mendes@hotmail.com

sobrevivem na prisão. Dessa forma, a adaptação das mulheres na prisão é um desafio, ao chegarem são intimidadas, precisam resistir até serem aceitas e fazer parte do grupo.

Palavras-chave: Geografia; Gênero; Privação de Liberdade.

ABSTRACT

This article is a part from the results of the master's dissertation carried out in the period 2018/-2020 by the Post-Graduation Program in Geography (PPGG) at the Federal University of Rondônia – UNIR. The objective is to present the full narratives of the (reeducandas) inmates (name as the women who are serving time) who participated in the aforementioned research. Considering that women live in a process of domination by men, this reality is being deconstructed through attempts to make the female gender visible in different social contexts and in scientific research. As a method, the phenomenological approach was used from Husserl (1986) and the methodology that was best applied to the method was the qualitative approach. As instruments to highlight the narratives in this paper, we present participant observation and interviews based on oral history. The reports presented in this paper are in full according to the research carried out in the biennium from 2018 to 2020. The proposal to present the narrative of women deprived of liberty is to emphasize the reality told by the inmates who live and how they survive in prison. Thus, the adaptation of women in prison is a challenge, when they arrive they are intimidated, they need to resist until they are accepted and be part of the group.

Keywords: Geography; Gender; Deprivation of Liberty.

RESUMEN

Este artículo es un extracto de los resultados de la disertación de maestría realizada en el período 2018 - 2020 en el Programa de Posgraduación en Geografía (PPGG) de la Universidad Federal de Rondônia – UNIR. El objetivo es presentar las narrativas completas de las reeducandas (nombre que se llama las mujeres que están cumpliendo pena) que participaron en la investigación ya mencionada. Considerando que las mujeres viven en un proceso de dominación por parte de los hombres, esa realidad está siendo deconstruida a través de intentos de visibilizar el género femenino en diversos contextos sociales y en la investigación científica. Como método, se utilizó el enfoque fenomenológico de Husserl (1986) y la metodología que mejor se aplicó al método fue el abordaje cualitativo. Como instrumentos para obtener las narrativas de este artículo, presentamos la observación participante y las entrevistas basadas en la historia oral. Los informes presentados en este artículo están íntegramente de acuerdo con la encuesta realizada en el bienio de 2018 a 2020. La propuesta de presentar los discursos/narrativas de mujeres privadas de libertad es resaltar la realidad contada por las reeducandas (prisioneras) que viven y cómo sobreviven en la cárcel. Así, la adaptación de las mujeres en prisión es un desafío, cuando llegan se sienten intimidadas, necesitan resistir hasta que sean aceptadas y hacer parte del grupo.

Palabras-clave: Geografía; Género, Privación de Libertad.

INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA

Este artigo traz a luz resultados parciais da pesquisa desenvolvida no período de 2018 à 2020, durante a realização do mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia

UNIR, sobre a espacialidade da mulher no sistema prisional. A realização deste estudo deu-se na Penitenciária Regional de Rolim de Moura, interior do Estado de Rondônia.

Desde a antiguidade, a prisão foi criada com o objetivo de proteger a sociedade das pessoas consideradas más, e através da privação de liberdade acreditava-se na reparação dos danos cometidos pelos criminosos contra a sociedade. No Brasil, as primeiras penitenciárias femininas foram construídas nos estados do Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro. As mulheres dividiam celas com os homens, eram na maioria das vezes vítimas de abuso sexuais e obrigadas à prostituição para sua sobrevivência (QUEIROZ, 2015).

Se considerado ao quantitativo de condenações, as mulheres estão à frente dos homens, mas, ainda assim, existem poucas penitenciárias femininas, o que reforça a desigualdade de gênero e o controle do patriarcado. Em Rondônia com aproximadamente 1000 (Hum mil) o número de mulheres cumprindo pena restritiva, só existe uma penitenciária feminina, localizada na capital do estado, Porto Velho; deixando as demais em presídios mistos (Unidades prisionais criadas para homens e improvisadas celas/alas para mulheres) (MOREIRA, 2020).

Neste artigo, como recorte de uma pesquisa já realizada, o objetivo é apresentar as narrativas na íntegra das reeducandas (nome como são chamadas as mulheres que cumpre pena) que participaram da pesquisa já mencionada. Tais histórias demonstram o dia a dia de cada mulher, que por diversos motivos foram condenadas, e a prisão é capaz de produzir inúmeras reflexões, modificar rotinas, afastar ou reaproximar familiares, enfim, cada relato evidencia sofrimentos, injustiças, sonhos. Essas mulheres são como qualquer outra que se julga diferente porque nunca experienciou a prisão.

O método para Marradi (2002) é investigar o sujeito da pesquisa como algo que pode nos surpreender. E a pesquisa científica permite a utilização de métodos e técnicas para encontrar diferentes resultados, nenhuma pesquisa por mais que se utilizem métodos iguais têm resultados homogêneos. Isto se dá, porque cada indivíduo tem suas particularidades, inclusive o/a pesquisador/a. Motivo este que exige a escolha do método de forma consciente, racional e estruturado numa base epistemológica criteriosa.

Neste sentido, o método fenomenológico a partir de Husserl (1986) foi escolhido, uma vez em que, o mesmo nos possibilita compreender os fenômenos por meio dos sentidos, sendo necessário considerar que todas as pessoas se apresentam segundo sua essência humana. Para este tipo de pesquisa, a melhor opção foi este método, pois as narrativas só fariam sentido e teriam base

real com os relatos das mulheres no cárcere e a percepção destas sobre a realidade as quais estão sujeitas.

Posterior ao método, a metodologia que melhor se aplicou neste estudo foi a pesquisa qualitativa segundo Gunter (2006), a pesquisa qualitativa aceita de maneira explícita a influência de crenças e valores sobre a teoria, sobre a escolha de tópicos de pesquisa, o método e a interpretação de resultados. Para o autor é importante entender como lidar com esta influência no contexto da pesquisa, independente da abordagem escolhida.

Os procedimentos metodológicos utilizados neste recorte de pesquisa foram a observação participante e entrevistas baseadas na técnica da história oral, com referência nos autores e autoras Turra Neto (2011), Heidrich (2016), Gamalho (2010). Como categoria de análise geográfica empregou-se espaço, lugar, território e corpo.

Para chegar aos resultados totais da pesquisa de mestrado, houve a necessidade de verificar como as mulheres encarceradas se organizam e percebem as relações de gênero no contexto geográfico da prisão? A proposta neste artigo não é discutir todas as categorias de análise geográfica nem os resultados gerais da pesquisa, mas apresentar as narrativas completas ao leitor de como as mulheres privadas de liberdade que estão na Penitenciária Regional de Rolim de Moura – RO vivem e sobrevivem a realidade na prisão.

MATERIAIS E MÉTODOS

O método que melhor se identificou com a pesquisa foi o fenomenológico de acordo com Husserl (1986), independente do espaço por meio da fenomenologia é possível compreender os fenômenos através da interpretação feita pelo(a) autor(a) sobre o objeto inserido no mundo, ou seja, sua percepção a respeito do que vive e observa. A fenomenologia criada por Husserl (1980) permitiu a pesquisadora nesta pesquisa instigar e refletir sobre as mulheres no cárcere, observando-as e ouvindo-as e, isto por meio da experiência vivida, como elas se comportam, vivem e mantêm sua existência no espaço prisional.

Para análise dos dados e informações durante a pesquisa utilizou-se a abordagem qualitativa, a mesma lida com interpretações das realidades sociais. E, através da pesquisa qualitativa reforça-se a autonomia e a credibilidade da investigação em si (BAUER et al., 2015). A investigação qualitativa preocupa-se com um universo de significados, motivos, aspirações, valores e atitudes. Capaz de produzir significado nas relações, processo e nos fenômenos (MINAYO, 2001).

Como recorte e resultado deste artigo participaram deste estudo 05 (cinco) mulheres privadas de liberdade. Os procedimentos e técnicas utilizadas para coleta de dados e para a construção das narrativas das mulheres foram: a observação participante e entrevistas baseadas na história oral.

A observação participante permitiu como o próprio nome indica, observar cuidadosamente os detalhes dentro da penitenciária. Esta é um dos instrumentos mais utilizados para a pesquisa de campo (HEIDRICH, 2016). Segundo Turra Neto (2011), a observação participante determina a intenção de construir uma análise do local ou sujeitos observados.

As entrevistas tiveram como objetivo apreender informações individuais relacionadas à organização espacial, convivência, relações de gênero e projetos futuros, baseadas na técnica da história oral à medida que, foi possível interpretar os conteúdos socioespaciais das mulheres encarceradas, através de suas narrativas, histórias, vivências e modos de vida (MOREIRA, 2020).

A história oral permite ao sujeito relacionar-se com o espaço, através da sua experiência de vida, sendo necessário que o (a) pesquisador (a) se elimine de seus pré-conceitos, na intenção de ver o (a) outro (a) como ele (ela) se apresenta e não como queira enxergá-lo (a) (GAMALHO, 2010).

As narrativas apresentadas fazem relação com as categorias de análise Geográfica utilizadas na construção da dissertação de mestrado (2018-2020), porém, como já explicado, não é a intenção deste artigo, evidenciar as características das demais categorias. E sim, permitir ao (a) leitor (a) o acesso às informações expostas pelas mulheres no cárcere e, a partir das histórias contribuir para novas pesquisas com essa temática na ciência Geográfica e nas demais ciências em geral.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Prisão feminina: origem e estudos relacionados com o gênero no Brasil

A prisão entra no cenário mundial como reparação, os castigos foram e são utilizados como ameaças para recuperar as pessoas de suas condutas incorretas, do crime contra a sociedade. Na visão de Tuan (2005), as prisões são consideradas paisagens do medo, no período medieval, mesmo com arquiteturas admiráveis, o espaço prisional era de condições insalubres, mau cheiro e falta de higiene. Este cenário ainda é visto na atualidade, fator que pouco contribui para uma reinserção digna do/a reeducando/a na sociedade.

Com recorte racial, as mulheres negras já eram vítimas do cenário prisional, antes mesmo de surgirem as prisões, no período da escravidão, as mesmas eram utilizadas para a prática de serviços domésticos e sexuais (ALVES, 2017). No sistema prisional antes do direito garantido pelo Código Penal de manter as mulheres separadas dos homens, quando condenadas, permaneciam junto com o sexo masculino, sujeitas a diversos tipos de violência (MOREIRA, 2020).

Os estudos de Queiroz (2015) apresentam a primeira penitenciária feminina do Brasil. Instalada em Porto Alegre – RS, Madre Pelletier foi fundada em 1937 por freiras da Igreja Católica. De início o objetivo da penitenciária era recuperar as mulheres separadas do cônjuge, moradoras de ruas e as consideradas desajustadas – aquelas que tinha opinião própria, moças que se recusavam a casar com os pretendentes escolhidos pelo pai, ou até as ditas “encalhadas” que não possuíam habilidade no lar e tinham dificuldade em arrumar marido.

Com os passar dos anos, e o avanço das leis e tecnologias, a estrutura das penitenciárias foram ajustadas para a permanência das mulheres condenadas por crimes assegurados no código penal. Apesar do desenvolvimento, as políticas públicas às mulheres assim como aos homens precisam de melhorias. O gênero feminino vive uma opressão em torno da dominação masculina, esta dominação está presente em vários outros campos, devendo ser discutido na formação político-social (LEAL, 2013).

No Brasil é insuficiente o número de penitenciárias femininas em relação ao número de mulheres no cárcere, a maioria das unidades prisionais foram construídas para o sexo masculino, sendo que o crescimento percentual de condenações de mulheres tem sido acima de 500% nos últimos 11 anos e apenas 7% dos estabelecimentos prisionais são próprios a elas (INFOPEN, 2019).

A invisibilidade da mulher nos diversos contextos sociais é da mesma maneira nos estudos científicos. Nas últimas décadas, a mulher por meio da resistência tenta diminuir a distância nas produções em relação ao homem. Com prioridade à dominação masculina, Santos (2020) afirma que o sistema patriarcal favorece as práticas de discriminação, marginalização e violência contra o gênero feminino, condição que se agrava de acordo com a sexualidade, classe, etnia, raça e cor.

Neste sentido, o contexto geográfico das mulheres na prisão, reforça a importância da Geografia enquanto ciência trabalhar uma abordagem Interseccional, conforme SILVA & SILVA (2014), além das questões de gênero, a mulher negra em condições socioeconômicas desprivilegiadas tudo se torna ainda mais difícil, porque além dela ser mulher, ainda sofre

discriminação, restando espaços de trabalho e sobrevivência precarizados, onde se apresentam maior índice de violência contra a mulher.

A escassez de artigos publicados com a temática de gênero evidencia segundo (MONK; HANSON, 1982) a efetiva participação masculina, e o apreço por parte de pesquisadores das ciências geográficas em pesquisar paisagem, as dimensões espaciais das classes sociais, em contrapartida negligenciam a importância dos papéis sociais, relações sociais e de gênero, ao mesmo tempo explica a falta de mulheres nas ciências, sendo uma das maneiras de invisibilizar a mulher e suas representações na sociedade.

Incluir a mulher na ciência Geográfica assim como produzir ciência visibilizando a condição e percepção da mulher nos diferentes contextos sociais é extrapolar limites impostos por uma sociedade eurocêntrica, machista e preconceituosa, na medida em que, essas desconstruções favorecem a superação dos paradigmas de uma sociedade homogênea e amplia o debate para políticas públicas de qualidade.

A seguir, apresentaremos as narrativas na íntegra. Antes de julgar qualquer pessoa ou mulher no contexto prisional, conheça sua história!

Narrativas das Mulheres Privadas de Liberdade no espaço Geográfico da Penitenciária de Rolim de Moura – RO.

Figura 02 – Salão da penitenciária, onde ocorrem as reuniões e outras atividades promovidas pelos (as) funcionários (as) da Penitenciária Regional de Rolim de Moura – RO.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, durante a pesquisa realizada em 2018/2019.

A figura acima (figura 02) apresenta um momento em que a psicóloga da penitenciária faz uma reflexão com todas as mulheres encarceradas. Essa imagem foi escolhida porque aparecem

todas as reeducandas juntas. Sendo assim, as entrevistas, que foram transcritas para este capítulo, representam também a realidade da maioria ou de todas as demais internas. Cada uma com sua história, mas todas tentando viver e conviver no espaço geográfico da prisão.

Este recorte foi escrito com objetivo de colocar o (a) leitor (a) mais próximo do público feminino que vive na prisão. Os textos a seguir são as narrativas, na íntegra, das mulheres encarceradas da Penitenciária Regional de Rolim de Moura-RO, que participaram deste estudo.

Foram, ao total, 05 mulheres disponibilizadas pelo diretor da unidade, que estava na direção da penitenciária no ano de 2018 e o novo responsável pela instituição prisional em 2019. A história de vida dessas mulheres foi uma mistura de emoções, entusiasmos, tristezas, alegrias e curiosidades.

Ao final da leitura, cada leitor (a) vai perceber a unicidade das mulheres que estão na condição de condenadas e restritas às celas na penitenciária. Culpadas ou inocentes, o fato é que fazem parte da mesma sociedade, possuem os mesmos direitos e deveres. Isso permite as mulheres, de forma geral, direito à equidade e oportunidades, naquilo que elas acharem viável para seu pleno desenvolvimento, sem preconceitos e injustiças.

Qualquer pessoa que se intitula como cidadã de bem está sujeita a cometer crimes e ser condenada.

Pri, 29 anos

“Minha mãe não me abandona por nada”.

Pri têm 29 anos, é reincidente e condenada, através do artigo 155: furto.

Natural de Rolim de Moura.

Seu maior desejo é sair da prisão para cuidar do filho, que vive com sua mãe.

Nasci aqui em Rolim de Moura, tenho 02 filhos. Um é criado com minha mãe e o outro com a mãe do pai dele. Não concluí meus estudos. Fui criada com meu pai e mãe adotivos, não tenho contato com minha mãe e pai biológicos. Desde quando nasci, fui morar com minha família adotiva, sempre moramos no sítio, mas, quando mudamos para a rua, minha vida mudou. Desde os 13 anos de idade, uso crack².

² Droga ilícita com ação estimulante do sistema nervoso central.

Meu pai não vai muito com minha cara, mas minha mãe não me abandona por nada.

Descobri que meu pai traía minha mãe e contei pra ela, e isso favoreceu pra nos afastarmos. Ele me tratava muito bem, melhor que meus irmãos, porém, quando cai nessa vida, ele me deixou de lado. Meus irmãos são ótimos profissionais, mas eu... se eu tivesse ouvido um pouco mais minha mãe, não estaria aqui. Eu vim aqui porque eu devia. Ninguém está aqui porque é inocente. Meus filhos me fazem muita falta.

Meus pais me davam tudo que eu queria e quando começaram me falar o não, não aceitei. Até hoje, minha mãe me sustenta. Antes de vir pra cá, só ajudava minha mãe na lanchonete. Até cheguei a arrumar um emprego, mas era um serviço de fazer empréstimos, porém, só enganavam as pessoas. A falta de apoio e afeto, quando saímos daqui, acredito que faz com que voltamos. Minha mãe me dava dinheiro, mas amor e carinho nunca me deram. Só tive amigos usuários de drogas.

Creio em Deus, só que não tenho uma religião definida. Depois da greve, não estamos tendo nada, nem escola, nem cultos, não temos direito a nada. Esse diretor é pior do que o que estava antes, não é favor da reinserção, não é favor e nem nos ajuda em nada. Morei na zona rural até minha adolescência. Durante minha infância, nunca apanhei, ganhei uma surra apenas uma vez, foi quando esfreguei a cara do meu sobrinho no chão de concreto.

Carinho, beijos e abraços foram raros. Acho que faltou muita a atenção, minha mãe trabalhava muito. Xingamentos e humilhações tive por parte do meu pai, ele era problemático. Até meus 13 anos, tinha diálogo comigo, mas depois dos 13, não tinha como ter diálogo, quando meu pai traiu minha mãe, não existia mais possibilidade de diálogo.

Minha vontade era apenas matar meu pai. Minha mãe tentava proteger ele, isso me dava mais raiva ainda, porque, além dela ser traída ainda queria defender. Hoje, eu entendo, porque na bíblia diz que não devemos interferir nas decisões dos pais, mas eu não aceitava, porque ele tinha feito mal a ela. Minha mãe era uma mulher que levantava cedo, trabalhava, sempre prestativa, meu pai, minha mãe e eu todo dia nós matava 30 a 40 porcos pra entregar nos mercados.

Quando meu pai decidiu vir pra rua e traiu minha mãe, foi um choque pra mim na época, e não perdoei ele, antes ainda de vir pra cadeia não tinha perdoado. Por isso, toda oportunidade que tivesse em matar ele, eu tentava mesmo. Já tentei matar ele de faca, já dei veneno pra ele, corri atrás dele de enxadão, ele sempre me enfrenta, nós dois é meio... Agora não, eu já entendo que ele

já está mais velho e sei que vou cuidar dele. Com o entendimento que eu tenho da bíblia, sei que amo meus pais, eles me deram um lar, quando nasci, minha mãe biológica praticamente me jogou fora.

Conheço alguns familiares biológicos, mas não tenho contato. Quando os vejo, cumprimento, eles me tratam muito bem. Tenho 2 filhos, o mais velho tem 13 anos, é registrado no nome do pai e vive com minha mãe. Meu filho mais novo tem 8 anos e vive com a avó paterna, o pai está preso em Costa Marques/RO.

Antes de vir presa, eu estava praticamente na rua, tinha meu apartamento, porque meus pais têm apartamentos, mas eu não parava nele, eu só ia em casa pra tomar banho, só quando eu queria ficar quieta que ficava lá. Parei de estudar na 5ª série, eu matava³ muita aula pra encontrar o pai do meu filho mais velho. Fui expulsa de uma escola, transferida para outra escola, mas continuei pulando o muro, matando aulas, arrumei muita briga, conheci a droga. Então, pulava o muro pra usar droga e ver o pai do meu filho; aí parei de estudar.

Tinha 15 anos nessa época, sempre usei o mesmo tipo de droga, o crack. Já trabalhei muito desde meus 10 anos, mas sempre era com minha mãe. O que mais gostava era trabalhar com minha mãe, mexendo com porcos. A época mais feliz da minha vida era no sítio, quando meu pai vendeu, tirou uma parte de mim.

As duas prisões foram pelo mesmo artigo 155: furto. Estou presa desde abril de 2018, e vou sair sem remissão agora dia 23 de abril desse ano de 2019. Não trabalho aqui, porque não tem nada pra fazer. O diretor não se importa com nós, já era pra mim ter ido embora. Tenho 110 dias de remissão, mas pela má administração do diretor, não fui ainda. Já passei por várias delegacias por causa de brigas. Fiz 01 trabalho socioeducativo. Porém, na maioria das vezes, apenas ia pra delegacia, mas nunca deu em nada.

Tenho, na família, vários primos com problemas com drogas. Já tive contato com um primo, mas eu não queria que ele fosse em meu apartamento, porque minha mãe ia saber que ele ia usar droga e ela brigava comigo. O que mais me afetou foi na época que houve a traição do meu pai. Então, isso me ajudou muito cair nas drogas. Depois, aconteceram dois homicídios na minha frente e por causa de droga também. Minha melhor amiga foi morta pelo namorado, com 6 tiros e meu marido foi morto na minha frente também, com quase 30 facadas. Depois disso, realmente, me entreguei para as drogas, nada tinha mais sentido.

³ Deixava de assistir a aula.

Minha amiga foi morta pelo ex-namorado, apenas porque roubou 2g de crack dele naquela madrugada. Já fui vítima de violência pelo meu companheiro, eu caçava né, me ofendia, xingava, controlava o que eu fazia, me impedia de sair de casa, me batia. Não me obrigava fazer nada a força, nem sexo. Eu sempre reagia, ia pra cima dele, minha mãe sabia, mas ficava chateada comigo, porque eu gostava dele e sempre voltava com ele.

Sofri maus tratos sim pelos policiais e muito. Já nos bateram muito, espancaram tanto um menino que estava comigo, que ele ficou surdo. Em mim, bateram muito, mas não me deixaram marcas. Humilhação é o que mais fazem. E o *spray* de pimenta, você pode estar na rua sem fazer nada, mas eles passam e jogam o *spray* de pimenta na gente. Os agentes aqui dentro nunca me bateram. Mas aqui, há sim, falta de respeito pelos agentes e funcionários.

Entre nós presas, é onde mais existe falta de respeito, uma quer ser melhor que a outra. Se você não faz parte de uma facção, elas ficam te zombando, e se acham superior. As facções aqui dentro têm a CV – Comando Vermelho e o PCC – Primeiro Comando da Capital. Graças a Deus na cela que eu estou hoje, é bem harmoniosa, nos damos muito bem. Hoje, está muito melhor do que quando cheguei. Assim que cheguei, várias pessoas tentaram me colocar no crime, e, quando não aceitei, fui agredida por uma presa, por causa de outra, hoje não acontece mais. Aqui nossa rotina é deitar, comer e dormir. Cada uma tem o dia da sua faxina. Não tem uma líder da cela, todas se respeitam, ninguém quer ser melhor do que ninguém, na nossa cela.

Sobre ser mulher, nos tratam como presa e não como mulher. Tratam como presa porque, se tá doente: não tem escolta, tá doente: não tem médico, tá doente: não tem enfermeira. Semana passada, tive que ir duas vezes pro hospital chorando. Passei mal e não queriam me levar, muita negligência.

Tem sim diferença dos homens pra nós. Eles tem tudo, tem pulso, são a maioria. Nós somos a minoria, não temos nada, a gente é esquecida. Olha, eles vão começar estudar, era pra ter começado ontem, e, nós? Não tem ficha de matrícula e nem previsão quando vamos estudar.

Minha expectativa agora que vou sair daqui é cuidar do meu filho. Primeiramente, é cuidar do meu filho mais velho. Pretendo sair daqui e ficar mais próximo de casa, vou inclusive falar com a minha mãe pra ficar no mesmo apartamento. Vou pegar uma tornozeleira, quero orientar meu filho para que ele não se torne como eu. Não me considero curada, mas uma pessoa bem tranquila, tenho uma mente bem focada para o que eu quero, essa doença (vício) não tem cura, por outro lado, preciso ter força de vontade.

Docinho, 25 anos

“Vou tentar dar a ele (o filho) a base que eu nunca tive”.

Docinho, tem 25 anos. É reincidente e condenada pelo artigo do Código Penal 157: assalto e 33: tráfico de drogas.

Natural de Porto Velho/RO.

Apesar da condição de estar presa, quer sair, arrumar emprego e aconselhar o filho para não cair em situações parecidas com as de Docinho.

Sou natural de Porto Velho/RO, tenho 01 filho de 10 anos de idade. Ele mora com a tia paterna, nunca trouxeram ele pra me visitar. A tia dele é muito sistemática, mandei várias cartas e expliquei que não é porque estou presa que quero que meu filho viva em vida errada.

Também não conheço apenas pessoas erradas. Quando fui presa, estava aqui nesta cidade. Fui condenada por assalto e tráfico. Já fui presa outras vezes, condenada por posse de arma, formação de quadrilha, associação ao crime, estelionatário, falsificação ideológica, 155, 180.

Já estive presa em mais 6 cadeias diferentes. Dentro e fora de Rondônia. Antes de completar 18 anos, passei por várias delegacias, pelo juizado da infância e da adolescência, fui encaminhada para abrigos. Tenho problema de saúde, Bronquite asmática, e é difícil, porque aqui não tenho ninguém que pode comprar pra mim. As funcionárias como assistente social ou psicóloga podem até me trazer, mas não fazem nada pela gente não.

Cresci numa família adotiva, eles sempre foram envolvidos com coisas erradas e eu cresci aprendendo tudo de errado também. Tive problemas com álcool, bebia muito, vivia jogado pelas ruas, comecei a usar cocaína, e voltei a usar a maconha, uso a maconha desde os 12 anos de idade. Depois, fumei a pedra⁴ também peguei a fumar direto, a pedra é instigante, você começa a usar e não quer parar. Um dia, depois de ter usado muito, pensei que não queria aquilo pra mim e resolvi parar. E continuei só com a maconha.

⁴ Referente ao crack.

Quando vim pra cadeia, tinha uma companheira lá fora, às vezes me humilhava, xingava, destruía minhas coisas, a gente se pegava nos tapas às vezes, me torturava psicologicamente, eu também reagia com palavras e agressão física. A mãe dela era que nos aconselhava muito.

Sofri muitos maus tratos por parte dos policiais. Aqui, sou respeitada pelas internas e alguns funcionários, porém, já fui ameaçada. Minha pena foi de 7 anos numa condenação e 13 anos em outra. Aqui, não recebo visitas de ninguém. Porque conhecia apenas minha mãe biológica e ela faleceu, quanto a meu pai, tenho o nome dele na certidão, mas nunca soube quem era, nem onde morava e nem fui atrás. Da minha família adotiva, não pode ninguém me visitar, porque não tem documentos de adoção. Eu me conformo, porque sei que não tenho ninguém pra me visitar. Agora, se tivesse família aqui como algumas mulheres e não viesse ninguém, seria bem mais difícil.

O que me trouxe pra prisão, acho que falta de estrutura e de apoio familiar. Minha família, todo mundo mexia com coisas erradas, minha mãe deixava a gente de qualquer jeito, as pessoas chegavam pra buscar drogas e eu e minhas irmãs distribuía. Então, cresci aprendendo isso. Nunca tive ninguém pra dizer o que era certo ou errado. Minha mãe biológica me abandonou, foi embora eu tinha 07 anos e fiquei apenas com essa família, comida nunca faltou, mas não tinha horários, nem a comida certa. Acho que a família é tudo. Aqui dentro, aprendemos a valorizar pequenas coisas. Minha mãe biológica era alcoólica.

Durante minha infância, não tive carinho, comportamentos como levar pra escola, passeios, diversões não existiriam na minha vida, apanhei muito, beijos, abraços, carinho, conversa, nada disso tive. Com 18 anos de idade, fui atrás da minha mãe biológica. Ela veio embora pra perto de mim e criou meu filho comigo.

Minha mãe biológica faleceu no ano de 2017. Morei com essa família adotiva até os 14 anos de idade. A primeira mulher que casei, eu tinha 14 anos de idade e sai de casa. Tenho ensino médio, sou lésbica. Tive meu filho com 16 anos de idade. Nunca me envolvi com homens, apenas uma vez que havia separado da minha parceira, bebi muito numa noite com um amigo, e quando acordei estava ao lado dele. No início, ele não quis saber da gravidez, mas assim que a criança nasceu, ele quis assumir.

Mas eu não aceitava. No entanto, ano passado, ele registrou meu filho por ordem jurídica. Aqui nos tratam sem educação, como falam em reinserção, se começa aqui dentro os maus tratos, não nos tratam como pessoas e não facilitam as oportunidades pra nós. Algumas agentes nos tratam bem, mas não são todas. Quero sair daqui e recomeçar minha vida. Algumas pessoas me ofereceram ajuda e serviço, então, quero tentar recomeçar.

Eu sempre caí em problemas por causa de amizades. Apanhei muito de policiais. Teve uma vez que apanhei da meia noite às seis horas da manhã, a única cadeia que não me espancaram foi aqui. Tenho muita fé em Deus, e sei que ele tem um propósito pra mim aqui dentro. Entre nós presas é o respeito que fala mais alto, dentro da cela, se fizerem algo que não me agrada, eu converso. Não mexo em nada que não seja meu, e também não gosto que mexem em minhas coisas.

Todas sabem das suas tarefas, não tem uma regra específica na nossa cela. Se alguém tiver dormindo que não façam barulho, uma começa limpar a outra ajuda. A nossa cela é considerada a melhor, e isso gera inveja nas outras internas, trocaram nosso horário de tomar sol por implicância de outras internas. O tratamento entre homens e mulheres é bem diferente. Nós ficamos meio que isoladas, eles atendem mais os pedidos dos homens, quanto a nós, porque somos menos fazem de conta que não ouvem, colocam dificuldades em tudo. E nós que somos lésbicas, ainda mais, tem eu e outra mulher homossexuais. As agentes fazem cara de indiferença pra nós.

Participo aqui do projeto Kaspar, ele é muito bom. Em relação ao meu filho, sou feliz, porque ele está com a tia dele, ela e a família dela não mexe com coisa errada. Meu filho estuda e fico feliz, porque eu nunca tive isso. Vi fotos deles num lugar tipo um balneário, todos sentados juntos. Então, é isso que me conforta, e vou aconselhar ele em nunca procurar caminhos errados, tentar dar a ele a base que eu nunca tive.

Beatriz, 34 anos

“Desde que entrei aqui, estou totalmente em construção, me desconstruí totalmente, eu queria muito dinheiro, e hoje vejo tudo diferente”.

Beatriz têm 34 anos, é a primeira vez presa, acusada de homicídio, através do artigo 121 pelo Código Penal.

Natural de Ji-Paraná/RO.

Beatriz afirma que, apesar das dificuldades na prisão, tem esperança em reatar a relação com o filho e a filha e recomeçar a vida, apoiada em sua família.

Sou de Ji-Paraná, tenho 02 filhos, sendo 01 menino de 03 anos e 01 menina de 09 anos de idade. Minha filha está sendo criada com a avó materna, minha mãe, e o menino com o pai, os dois são registrados e a menina recebe ajuda do pai. Fui criada com minha mãe e meu padrasto, tive uma excelente educação, comportamentos comuns em minha criação foram: levar a escola/passeio/diversão, beijos/abraços/carinho, diálogo. Trabalhava desde criança, ajudava minha mãe e meu padrasto, sempre tive as coisas, mas era muito trabalhado também.

Fui corrigida, minha mãe sempre trabalhou muito, então, ela foi muito ausente em minha vida com atenção, meu pai também era presente, vinha me visitar nas férias, mandava pensão, tenho um irmão que hoje estamos nos aproximando melhor, mesmos os filhos do meu pai com minha madrasta hoje, temos uma boa convivência. Meu pai foi assassinado.

Trabalhei e estudei, pagava minha faculdade com meu próprio dinheiro. Antes de ser presa, estava trabalhando no SEDAN como Analista Ambiental. Sou formada em Direito, pós-graduada em Direitos Ambientais. Não tirei minha carteirinha devido iniciar como Analista Ambiental no SEDAN. Quando sair daqui, tenho projetos para trabalhar com reinserção. Quero trabalhar, talvez, com nutrição e estética. Foi muito difícil ficar longe dos meus filhos. Mas, atualmente, temos muitos planos para o futuro. Fui condenada por tentativa de homicídio.

Julgada por mandar matar meu ex-marido, a família dele é muito influente, classe alta. E eu como mulher, mesmo tendo sofrido violência doméstica, fui censurada e vista como vagabunda, que não vale nada. Não vou me vitimizar, mas eu tinha toda uma conduta na sociedade e a família do meu ex marido se aproveitou do ocorrido para acabar comigo. Como se eu ia contratar um drogado que estava com uma arma tão vagabunda, que, quase não amassou nem a porta da camionete que meu ex estava! Depois que ocorreu isso, não tive direito a partilha de bens.

Na prisão, faço trabalhos internos e sou remunerada mensalmente pela FUPEN (Fundo Penitenciário de Rondônia), ganho um salário mínimo. Aqui, estou fora dos padrões. Aqui, pra sobreviver é complicado, o relacionamento com as demais detentas tem sido um desafio, aqui não pode vacilar. Alguém da sua própria cela pode fazer alguma coisa contra você a pedido de outra presa em cela separada da sua.

No meu primeiro ano que vim pra cá, foi um inferno. Elas implicavam comigo até na maneira como eu sentava. Estamos em 6 celas, e 2 celas de triagem. Tive problemas de saúde, minha vesícula rompeu e, desde quando entrei aqui, desenvolvi muitos problemas de saúde relacionado à alimentação. Os comportamentos que frequentemente aconteciam comigo

relacionado com meu ex marido era: me ofendia, xingava, me diminuía, humilhava; controlava o que eu fazia/com quem eu falava e onde eu ia.

Meu marido queria que eu fizesse coisas diferentes em relação ao sexo, ele tinha fetiche de trocas de relacionamento, onde tem várias regras, conheci casa de swing, conheci muitos casais, na maioria não tive relacionamento, mas são casais que não são felizes. Eu estava adoecendo, entrando em depressão por causa disso, mudei meu relacionamento, se eu quisesse ter paz, ter as coisas para meu filho, tinha que aceitar isso, se dissesse não, minha vida virava um inferno.

Na prisão, recuperei minha sobriedade, porque havia parado no tempo. No começo, meu relacionamento era normal, perfeito, mas quando engravidei, minha vida virou um inferno. Aparentemente, nós éramos um casal perfeito. Ele me obrigava a fazer coisas que eu não queria, me ofendia psicologicamente. Quando engravidei, dizia que eu era feia, velha, por eu ser vaidosa, ele me detonou assim. Ele me deu um chute na barriga grávida, me ameaçava com armas de fogo. Briguei com ele, quando apontou a arma pra minha filha dormindo. Destruía minhas coisas, forçava relações sexuais, sem eu querer.

As pessoas não acreditavam, e falavam: você? Mas é tão forte! Ninguém acreditava em mim, nem minha mãe. Fazia pressões em mim principalmente com dinheiro. Ele sabia que eu era vaidosa, e usava o dinheiro pra me pressionar. Cheguei a pedir ajuda a duas amigas e minha mãe. Mas elas não acreditavam, porque, na frente delas, ele mudava totalmente, se fingia de muito bom. Minha mãe e meu padrasto só acreditaram, quando mostrei as mensagens que ele me mandava. Minhas colegas diziam pra mim deixar isso pra lá, deixar de ser boba.

Sofri dos policiais e agentes ameaças e humilhações. Sou considerada por eles uma presa muito perigosa, não por matar, mas porque sou inteligente e estudada, pra eles eu sou um perigo aqui dentro. Nunca relaram a mão em mim, e sabem como falar perto de mim. Uma vez, gritei com um dos agentes que bateu na cara de uma interna. Disse que ia chamar a polícia, eles tiraram ela do corredor levaram ela pra fora e bateram, mas tiraram ela de perto de mim. As agentes são pessoas amargas, frustradas, algumas são boas, mas são tão frustradas que a gente não pode falar nada.

Durante o tempo que estou aqui, sou tratada com respeito, não gosto de algumas, mas, nos respeitamos. Recebo visitas da minha mãe, minha filha e meu filho, meu padrasto conseguiu entrar 3 vezes, meu marido vem também. Eu sou a única que tenho casamento, que meu marido está fora da cadeia e vem me visitar. Meus avós se estivessem vivos vinham também. Agora tios, amigos,

não entram pra visitar, alguns amigos advogados, às vezes, entravam, mas porque vinham fazer outras coisas e vinham falar comigo.

As visitas enquanto família é tudo aqui dentro, depois que cai aqui, depois de uns 3 ou 4 meses que cai na real o que tinha acontecido comigo e fui entender o que estava acontecendo, e com minha linha de raciocínio e a inteligência que tenho, se não fosse minha família, eu era uma criminosa, realmente estava no nível máster. Hoje ensino muito as meninas, e elas são da vida do crime, elas não tem uma linha de raciocínio, se eu não tivesse minha família, minha base, um apoio.

A maioria das presas não tem essa base, não tem esse apoio. O motivo que me trouxe pra prisão foi influência do meu companheiro. Tenho medo das pessoas. Porém, considero que estou pronta, sou capaz de enfrentar a sociedade apesar dos meus medos. Aqui sou obrigada a dizer em gírias, pra sobreviver preciso dizer assim, mas não fui criada assim. Na prisão, não sai ninguém melhor daqui, o sistema é o maior responsável, pra começar, tinham que tirar todos os agentes, e colocar pessoas que compreendem o ser humano.

Entre homens e mulheres, os homens são mais organizados, as mulheres não têm essa organização. Essas mulheres atacam os homens, são depravadas, elas dão em cima. Aqui os agentes, também, se a gente não fizer o que querem é complicado, meu outro problema foi esse, quando cheguei aqui e viram que eu não ia sair dando⁵ pra eles, me viram também com raiva. As mulheres aqui fazem inferno com outras. Eu preciso me posicionar, falo grosso, faço cara de mal, falo alto. Aqui é uma corda bamba. Hoje estamos numa cela com quatro mulheres. A principal regra é a limpeza, ali dentro fede mofo. E somos muito limpas. Todas ajudam, não podem mexer nas coisas das outras, não fazer barulho quando uma está dormindo. Se uma descumpri a regra cai da jega⁶ (apanha).

Aqui me faço de boba, é uma linha de defesa minha. Prefiro que me vejam como besta. Nosso banho de sol é em cima de uma fossa, tem caramujo, ela escorre, tem baratas, então não gosto de sair. Depois da minha experiência aqui aconselho a alguém, que se ela está com a vida errada, e tem um fio de esperança e ama seu filho, pensa bem, porque o tráfico dá um dinheiro bobo, mas depois não paga nem o advogado. O que tenho mais medo é armarem pra mim, aqui tem umas 4 mulheres que preciso ficar atenta o tempo todo.

Tento usar minhas artimanhas pra enfrentar, nunca chorei na frente de ninguém, nenhuma delas. Me faço de durona o tempo todo, e quando chega a noite que deito na minha jega, aí sim,

⁵ Fazer sexo

⁶ Apanhar

choro calada. Desde que entrei aqui, estou totalmente em construção, me desconstruí totalmente, eu queria muito dinheiro, e hoje vejo tudo diferente, e o que mais tenho raiva de mim é isso, eu sabia que eu estava fazendo e nunca me dei conta.

Olha o que eu fiz com minha filha, a bolsa dela era da Carmen Steffens⁷, tudo dela era da Carmen Steffens, eu não me dava conta. Hoje minha filha não lembra dos presentes caros, ela lembra de coisas pequenas, momentos simples que vivemos. Ela diz pra mim, “mamãe, lembra do penteado que a senhora fazia em mim”. Meu filho diz pra mim, “mamãe quando choro, te chamo: “mamãe””. Eu sempre digo a minha filha, filha perdoa a mamãe, eu errei, mas vamos viver muitos momentos bons, vou te recompensar tudo que você está passando, ela sofre muito.

Eu não sei quem eu sou, eu me desconstruí pra me reconstruir. As pessoas que conviveram comigo sabem da minha pena, o porquê dessa pena. Minha pena foi de 14 anos acusada pelo crime no Código Penal 121.

Grazi, 37 anos

“Meu maior medo é de não ter meus filhos de volta”.

Grazi têm 37 anos, está presa pela primeira vez, foi condenada por tráfico de drogas (artigo 33 do Código Penal) e Tentativa de Homicídio (artigo 121 do Código Penal).

Natural de Presidente Médici/RO.

Grazi está presa há 05 anos e quer recomeçar sua vida fora da prisão e reestabelecer a relação com seus filhos e filhas.

Nasci em Presidente Médici, tenho 03 filhos, são os 3 registrados pelo pai. Tenho ensino médio completo. Antes de ser presa, eu trabalhava com vendas de roupas e utensílios.

Sofri violência pelos meus pais, mas prefiro não responder. Quando nasci fui rejeitada pela minha mãe porque ela queria um menino. Não tive uma infância e adolescência muito boa não, hoje eu entendo minha mãe, porque ela também sofria muito.

Sofri violência sexual com meus tios, nunca comentei com minha mãe. Meus filhos são: a primeira é uma menina de 16 anos, está casada, o segundo é um menino, tem 12 anos e a mais nova

⁷ Marca famosa de calçados, bolsas e roupas

é uma menina de 9 anos de idade, os dois moram com o pai, e todos meus 3 filhos são do mesmo pai. Tenho minha casa própria. O motivo da minha prisão é 2 tráficos de drogas, investigação 121, participação em dois homicídios e associação ao tráfico.

Detida em regime fechado, o total da minha pena é de 25 anos e 2 meses, totalizando uns 8 anos em regime fechado sem as remissões. Sou uma das que está há mais tempo aqui na prisão, tenho 5 anos aqui dentro. É a primeira vez que fui presa. O promotor tinha raiva do nome da minha família, e quando meu irmão foi preso, vim testemunhar e fiquei presa também.

Às vezes, saio da cela pra trabalhar, mas prefiro ficar tecendo. Na minha adolescência, eu trabalhava muito e cuidava dos meus irmãos mais novos. As violências continuaram por parte dos meus pais na adolescência também. Meus pais são casados até hoje. Hoje, eu olho e entendo, minha relação com meus pais é boa. Meu pai sempre teve problema com álcool, e meus tios têm problema com drogas também.

Eu tenho problema com álcool desde meus 18 anos de idade. Fui casada 01 vez, e sofri muita violência, xingamentos, humilhações, meu ex marido controlava o que eu fazia, obrigava eu fazer coisas que não queria, no sexo não, mas outras coisas sim. Me batia muito, me ameaçava, praticava tortura psicológica e sempre na frente dos meu filho e filhas. Até por isso, que meus filhos tem problema.

Hoje, o único contato que tenho com meu ex, é quando vem trazer meus filhos pra eu ver. Quando me agredia, já reagi, e algumas vezes meus irmãos me ajudavam, uma vez pedi ajuda da polícia, mas naquela época, não tinha lei Maria da Penha, se desse pra ir bem, se não, simplesmente não acontecia nada.

Por parte dos policiais, já sofri violência, inclusive de me levarem pra locais distantes, sítios e pra querer saber das coisas tentarem me abusar. Tirar proveito da situação. Ameaças e humilhação é o que mais fazem. Quanto aos agentes, alguns respeitam, outros não. Dentro das celas, existe o respeito uma com as outras, mas existe disputa, da melhor roupa, por comida, tudo aqui as mulheres disputam. Recebo visitas, dos meus pais, meus filhos e meu companheiro. Essas visitas são muito importante pra mim.

Os motivos mais fortes que me trouxeram à prisão foi a dificuldade financeira, as más companhias, maus tratos do companheiro e maus tratos na infância e adolescência. O que mais pesa pra mim, acredito que é o relacionamento, porque se o marido não apoia, e não posso contar com ele, fica mais difícil a convivência, e tudo se agrava.

Quando sair, quero aperfeiçoar os cursos que tenho, quero trabalhar e criar meus filhos. Não acredito que consigo me ressocializar, porque a sociedade sempre vai me ver como presa. **“Você está pronta pra encarar a sociedade?”** Eu sim, a justiça que não acha assim. Penso que estou pronta e não me importo para o que pensam, porque eu faço minha vida, eles não sabem de nada.

Aqui, o que me chama mais a atenção de ruim, porque de bom não tem nada. Mas é que preciso ser pura, tenho que ter jogo de cintura pra viver aqui dentro. Preciso ter bom comportamento. Aqui tem muita inveja. Existem as regras, e a principal é o respeito, caso alguém não cumpre as regras, algumas que querem ser as bandidonas ameaçam. Meu maior medo é de não ter meus filhos de volta. Aqui aprendi como é o mundo, minha mãe dizia “se você não aprender, o mundo te ensina”. **“E o mundo te ensinou?”** Sim, da pior forma possível.

A diferença entre nós mulheres e os homens aqui dentro é a autonomia. Eles são a maioria, desde a antiguidade, a mulher precisa ser submissa. E não é diferente aqui dentro, os homens conseguem o que querem, reivindicam, as mulheres não.

Gaby 23 anos

“A cadeia ajudou a me aproximar da minha mãe”.

Gaby têm 23 anos, é a primeira vez que está presa e foi condenada pelo artigo 121 do Código Penal: homicídio.

Natural de Rolim de Moura/RO.

Gaby está cursando o ensino médio dentro do penitenciária e sonha em sair e fazer uma faculdade, além de reorganizar sua vida, ao lado de sua mãe e seu irmão.

Minha criação foi muito boa, nunca moramos no que era nosso mesmo. Hoje, minha mãe veio pra cidade por causa de mim. Enquanto eu estiver aqui, ela não vai embora. Fui criada um tempo com meu pai, depois ele separou da minha mãe, e fiquei morando com minha mãe, minha mãe me batia porque eu era muito atentada. Tinha carinhos, beijos, atenção da minha mãe e diálogo. Os únicos que não gostavam de mim eram meus tios, me odiavam, diziam que eu não valia nada. Que nunca ia ser nada na vida, me tratavam com preconceito.

Meu antigo relacionamento sofria alguns tipos de ameaças, xingamentos, estava trabalhando aqui, mas me tiraram, não sei porquê. Terminei o ensino fundamental aqui dentro e estudo o ensino médio, também participo do projeto Kaspar. Não tenho problemas de saúde. Sofri maus tratos por parte dos policiais por causa de briga aqui dentro. Mas nunca fui torturada, nem espancada.

Fui julgada a 36 anos de cadeia pelo código penal 121. No meu júri, falavam muito do rapaz que eu estava junto. A mulher dele acabou comigo, contou muita mentira pra juíza. Fiquei um ano conversando com um advogado, quando cheguei lá na hora do júri, era outro advogado. Após meu júri, que durou um dia e uma noite toda, retornei pra cadeia 6h da manhã com a cabeça a mil, doendo, mas estava calma, a agente olhou pra mim e disse: “isso é hora de chegar”? Ela ficou nervosa porque foi acordada. Esse fim aqui desanima, mas Deus é mais.

Minha mãe vem me visitar. A cadeia ajudou a me aproximar da minha mãe. O que me fez vir pra cá foi a dificuldade financeira e a influência do meu companheiro. Sempre fui muito quieta, saía muito, mas era na minha. Sofri muito, estava nervosa no sítio, só escutando dos meus tios que eu não valia nada e que meu pai era um bêbado, depois veio a morte do meu pai. Ele estava bêbado e foi pra delegacia e lá bateram tanto nele que ele morreu. Isso tudo acabou comigo, aí vim embora pra cidade.

Aqui na cidade, conheci esse homem, ele me dava tudo, dinheiro, no início não sabia que ele era casado, depois descobri, mas continuei com ele, e a própria mulher dele armou pra mim também. Porque eu não tinha nada a ver com esse crime, mas eu estava na hora errada e no lugar errado. A maioria das mulheres aqui, vem pra cá por causa dos companheiros. Aprendi da pior forma, mas aprendi, quero e estou preparada pra sair daqui, não quero ficar aqui nesse lugar, mas quero recomeçar minha vida, fazer uma faculdade, arrumar um emprego.

Gaby (23 anos) e as demais entrevistadas representaram a população feminina encarcerada na penitenciária Regional de Rolim de Moura – RO. Por meio de cada depoimento, foi possível aproximar o (a) leitor (a) da realidade vivenciada pelas mulheres privadas de liberdade dentro do cárcere.

Nas entrelinhas das histórias relatadas, estão a singularidade, frustrações e sonhos. Essas e outras características relacionadas à infraestrutura da instituição prisional e às relações de gênero. Isso permitiu que essas mulheres organizassem o espaço geográfico da prisão, cada uma a sua maneira, porém todas invisibilizadas e silenciadas pela violência física, psicológica, institucional e desigualdade de gênero.

PARA NÃO FINALIZAR

O envolvimento com as mulheres em privação de liberdade com base epistemológica da ciência Geográfica foi um desafio marcado pela prevalência dos momentos positivos sobre os negativos. É notável que o sistema Penitenciário Brasileiro é carente de melhor infra estrutura, políticas públicas de qualidade e com aplicação imediata. Por outro lado, a satisfação de ouvir histórias e vivências únicas me fez entender que, apesar das necessidades eu estava fazendo a diferença para melhor na vida das mulheres envolvidas na pesquisa. A ciência é exatamente isso, promover o bem na vida de algo ou alguém.

De forma geral, as reeducandas participantes da pesquisa, evidenciaram naquele momento que, as mulheres que estão na Penitenciária Regional de Rolim de Moura – RO são jovens, entre 18-37 anos de idade. A maioria era responsável pelo sustento da família antes da prisão, baixa renda, e não terminaram o ensino básico.

Cair na realidade de que estão na prisão pode levar até 03 semanas. No município de Rolim de Moura – RO, elas ficam numa penitenciária construída para homens, ou seja, uma sala foi improvisada para receber as mulheres condenadas na região zona da mata. Essa região corresponde a 07 municípios próximos a Rolim de Moura – RO. O relacionamento interpessoal entre as internas é estabelecido por regras, a principal é o respeito. As responsáveis de cada coordena a organização da mesma.

A adaptação das mulheres na prisão é um desafio, ao chegarem são intimidadas, precisam resistir até serem aceitas e fazer parte do grupo. O principal vínculo afetivo após a prisão são as visitas da família, principalmente dos (as) filhos (as). Todas as participantes da pesquisa são consideradas secundárias em suas condenações, ou seja, foram influenciadas pelo companheiro, e todas foram abandonadas após a prisão.

As grades e as atitudes que as levaram até a prisão não exclui a consciência das reeducandas de uma condição de exclusão social, querem recomeçar a vida, mas temem o preconceito e a falta de confiança, além dos julgamentos alheios.

Portanto, a apresentação de tais narrativas e um pouco do que foi desenvolvido na pesquisa proposta ao mestrado no programa de pós em Geografia pela UNIR, relatou importantes contribuições na intenção de que novas pesquisas alcancem o gênero feminino no cárcere e nos demais setores da sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, H. V. S. **Grades invisíveis:** as características sócio espaciais da prisão a partir da percepção das mulheres encarceradas na penitenciária feminina de Rondônia/TOMO I. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho – RO. 2017.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G.; ALLUM, N. C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento – Evitando confusões. *In:* BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. 13ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- GAMALHO, N. P. Oralidades. Os caminhos da pesquisa na produção do bairro Restinga, Porto Alegre. *In:* TETTAMANZY, A. L. L.; ZALLA, J.; D’AJELLO, L. F. T. (Orgs.). **Sobre as poéticas do dizer:** pesquisas e reflexões em oralidades. São Paulo: Letra e Voz, 2010.
- GUNTER, Hartmut. **Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa:** esta é a questão? *Psicologia: Teoria e Pesquisa.* Mai-Ago 2006, Vol. 22 n. 2, pp. 201-210.
- HUSSERL, Edmund. A Ideia da Fenomenologia. Tradução de Carlos Morujão. Lisboa: Ed. 70, 1986.
- HEIDRICH, Á. L. Método e metodologias na pesquisa das geografias com cultura e sociedade. *In:* HEIDRICH, A. L.; PIRES, C. L. Z. (orgs.). **Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em Geografia e saberes sobre espaço e cultura.** Porto Alegre: Editora Letra1, 2016, p. 15-33. DOI: 10.21826/9788563800220
- LEAL, J. S. Sobrecarga de Planos de Opressão e o Encarceramento Feminino no Sul do Rio Grande do Sul. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero,** Ponta Grossa, v. 4, n. 1, p. 36-47, jan. / jul. 2013.
- MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R.. **Pesquisa Social.** Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MARRADI, Alberto. **Método como Arte.** Catedrático de Metodología. Universidad de Florencia (Italia). *Papers* 67, 2002 107-127.
- MONK, Janice, HANSON, Susan. **On not excluding half of the human in human Geography.** *The professional Geographer,* v. 34, n 1, p. 11-23, 1982.
- MOREIRA, Maria Madalena Lemes Mendes. **Gênero e Prisão Feminina.** Dissertação apresentada à Programa de Pós-Graduação em Geografia. Linha de pesquisa: Território e Sociedade na Pan - Amazônia – TSP da Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, 2020.
- QUEIROZ, N. **Presos que Menstruam:** A brutal vida das mulheres tratadas como homens nas prisões brasileiras. 1ª Ed. Editora Record. Rio de Janeiro, 2015.

Gênero e prisão feminina: narrativas das mulheres privadas de liberdade em Rondônia
Maria Madalena Lemes Mendes

SANTOS, Roselí Alves dos. **Mulheres e Geografia** - Reflexões Pertinentes? Universidade Estadual do Oeste do Paraná (campus de Francisco Beltrão), 2020.

SILVA, Marcos Vinícius Moura. **Relatório Temático sobre Mulheres Privadas de Liberdade** – Junho de 2017. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública, Departamento Penitenciário Nacional, 2019.

SILVA, Maria Das Graças Silva Nascimento; SILVA, Joseli Maria. **Introduzindo as Interseccionalidades como um desafio para análise espacial no Brasil:** em Direção a Pluridiversidade do Saber Geográfico. (2014).

TUAN, Yi-fu. **Paisagens do medo.** São Paulo: Editora Unesp, 2005.

TURRA NETO, N. **Metodologias de Pesquisa para o Estudo Geográfico da Sociabilidade Juvenil.** RAE GA 23 (2011), p. 340-375 www.geografia.ufpr.br/raega/ Curitiba, Departamento de Geografia – UFPR ISSN: 2177-2738.

Recebido em: 25 de outubro de 2021

Aceito em: 27 de dezembro de 2021